
A pesquisa de terreno na taberna: A interacção investigadora / agentes

*Maria José Villa-Lobos **

A taberna constitui o nosso objecto de estudo numa investigação em curso que tem como *locus* de análise o concelho de Montemor-o-Novo, Alto Alentejo, e se enquadra basicamente em duas áreas de estudo que se entrecruzam: A de género e a de estratificação social.

A questão enunciada é a de qual deverá ser o posicionamento do investigador na taberna - território acentuadamente masculino – abarcando este estudo de caso não apenas a palavra, mas também o gesto, o ruído, o odor e as sociabilidades geradas entre os agentes na cumplicidade do beber e das práticas que o envolve.

Procurando determinar o espaço das posições sociais dos agentes, urge também situarmo-nos na perspectiva destes, nos seus esquemas de percepção e acção – nas suas disposições – práticas e representações, “ tornando em suma, o senso comum em objecto da ciência.”¹

A análise das vivências quotidianas a efectuar, pressupõe um conjunto articulado de operações teóricas e metodológicas cujo alcance, na construção sociológica da vida prática dos agentes sociais tem que ser discutido.

Na presente comunicação percorremos algumas linhas das estratégias adoptadas na nossa colocação no terreno, as dificuldades encontradas, bem como as práticas e representações suscitadas pelo confronto, em investigação, do género feminino minoritário (investigadora) e do masculino, (agentes) dominante.

O método utilizado nesta primeira fase da investigação centrou-se na pesquisa de terreno e como tal implicou a “ *presença prolongada* do investigador nos contextos sociais em estudo e *contacto directo* com as pessoas e as situações.”²

A recolha directa da observação pelo investigador levanta várias questões que se prendem à ética e prática de pesquisa de terreno, nomeadamente ao que Bourdieu, Chamboredon e Passeron refere como sendo o “ «primado epistemológico»³ da observação metódica e sistemática, «com as suas técnicas específicas, descrição morfológica, tecnológica, cartografia, lexicologia, biografia, genealogia, etc»⁴. O grau de familiarização com o meio e o distanciamento exigido no terreno como garantia da objectividade na colheita de dados não descurou, o problema da interferência. Esta, estando sempre presente nas pesquisas de terreno, é notória particularmente neste estudo de caso, pois num território de estreitas relações de sociabilidade e de interconhecimento entra um elemento estranho que, ainda por cima sobressai, sendo do sexo feminino, num universo marcadamente masculino. Os comportamentos, atitudes e respostas nem sempre serão pois fiáveis, há sempre um jogo de papéis e estatutos diferentes que se evidencia na teia de relações que se estabelece com os diversos actores sociais no local.

* Socióloga, Mestre em Literatura e Cultura Portuguesas - Culturas Regionais Portuguesas, F.C.S.H., U.N.L.(1995), encontra-se a realizar o Doutoramento em Sociologia – Sociologia das Classes e dos Movimentos Sociais, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (I.S.C.T.E.) da Universidade de Lisboa (2000). A presente comunicação inscreve-se numa investigação mais vasta que se iniciou em 2000 e está a decorrer no âmbito do doutoramento em Sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa .

¹ Virgílio Borges Ferreira, *Os Vincados Padrões do Tecido Social: uma análise das vivências quotidianas de uma freguesia industrializada do Vale do Ave*, Porto, Afrontamento, 1999, pp.17-18.

² António Firmino da Costa, “A Pesquisa de Terreno em Sociologia”, in: Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 1986, p.129.

³ Pierre Bourdieu, J.-C. Chamboredon, J.-C. Passeron, *Le métier de sociologue*, Mouton, Paris, 1973, p.65.

⁴ António Firmino da Costa, “A Pesquisa de Terreno em Sociologia”, in: Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 1986, pp.141-142.

Por vezes detectei as alterações que provoquei com a minha presença, ou as respostas/informações adulteradas que me deram. Tais foram os casos, por exemplo: Duma prostituta que me afirmou ser empregada de balcão, do gerente que escondeu viver com uma mulher sem ser casado com esta, ou de clientes numa taberna que num jogo de sedução procurando explorar/ dominar a comunicação com a investigadora e causar boa impressão, aspirando a um estatuto superior, alteraram as verdadeiras profissões, que, ao certo, nunca viria a saber de facto quais eram.

A observação participante esteve sempre presente permitindo-me não apenas registar o mais directamente observável – o espaço físico, o tipo de consumos, o vestuário, a linguagem – mas também o mais subtil – os gestos, a entoação da voz, a expressividade dos corpos e dos contactos, os valores, representações e afectos que estão por detrás dos comportamentos exteriorizados. Na *Taberna do Padeiro*, situada na aldeia do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, presenciei uma forte comunhão, em que os clientes e o dono são simultaneamente amigos e *companheiros* do mesmo grupo de caça, partilhando comigo *façanhas* vividas e *momentos de glória*, que a par da caça propriamente dita sobressaem as bebedeiras vividas colectivamente reforçando os sentimentos de pertença e afirmando a coesão do grupo, conferindo estatutos elevados e prestígio local (mostraram-me fotografias quer situadas na taberna - combinando a caçada ou após a caça, festejando -, quer no campo em momentos de pausa da caçada).

Globalmente constatei, que apesar das características que as une no grupo da tipologia a construir ao longo da investigação, cada taberna é um território particular e diferenciado. Os espaços de apropriação social do território variam. Por vezes são dentro e fora da taberna, na esplanada no Verão ou na montra, muro em que se sentam, ou simplesmente concentrando-se de pé, de noite (sobretudo no Verão), por vezes mesmo após o encerramento do estabelecimento.

A minha história de pesquisa implicou a selecção de estratégias de terreno que em parte variaram consoante a taberna em causa e o grau de receptividade do gerente desta e seus clientes. A questão da identidade e dos papéis enquanto investigadora que iria desempenhar na pesquisa de terreno exigiram desde logo uma tomada de consciência e decisões medindo as consequências das estratégias seleccionadas.

Assumindo o papel de professora da Escola Secundária de Vendas Novas e de investigadora numa tese de doutoramento sobre os tempos livres dos trabalhadores nas tabernas e cafés, procurava por um lado satisfazer a necessidade de uma identificação para os meus interlocutores, ocultando simultaneamente o meu nome. Por outro lado ao designar deste modo o tema do meu trabalho procurava agradar aos meus inquiridos salientando uma palavra (trabalhadores) que considere chave, considerando a zona onde decorria a investigação - o Alentejo - , a sua história e questões ideológicas, bem como os julgamentos reconstruídos através da memória social. Tive pois sempre em consideração os grupos sociais possíveis de apropriação do território taberna em que me situava. Deste modo também não feri eticamente os meus interlocutores uma vez que a minha tese de doutoramento não se esgota no tema que lhes dei, mas também o contempla.

Penso que esta estratégia foi bem-sucedida na maioria dos casos. Contudo, em duas tabernas cafés tive que me identificar mesmo dizendo o nome, o que, pelo menos numa delas veio alterar o ambiente que me rodeava, por um misto de respeito e admiração (poderia suscitar antes ódio e repulsa, pois ainda parece haver esta ambivalência de valores e atitudes, dicotomia e tensão mais ou menos latente nas relações sociais).

De facto a minha investigação ao decorrer no concelho onde nasci (e a minha família desde há várias gerações tem ocupado um lugar no topo da hierarquia social no grupo social que Cutileiro⁵ designa por lavradores ligados a uma velha aristocracia rural), constitui um obstáculo e um factor que pode mesmo conduzir a uma resistência total à pesquisa de terreno. Muitas das histórias de vida dos gerentes e até o local de nascimento e o trabalho de vários clientes inquiridos cruzam-se, como previa, com elos da minha parentela (exemplo nasceram nas herdades da família, trabalharam para elementos seus ou na cooperativa que ocupou as herdades

⁵ José Cutileiro, *Ricos e pobres no Alentejo - uma sociedade rural portuguesa* – Lisboa, 1977, pp.57-63.

desta, ou mesmo em dois casos de tabernas de monte, uma recentemente encerrada, situam-se em herdades de primos).

Tenho assim razões para ocultar o meu nome e só o dizer em último caso pois quer suscite uma atitude de admiração e até de subserviência ou de ódio e ressentimento, vem, em todo o caso alterar o clima de maior objectividade possível na pesquisa de terreno, nomeadamente durante as entrevistas, causando portanto grandes interferências.

Por outro lado, o facto de ser mulher e interferir num local a que sou estranha de qualquer forma e que neste caso é marcadamente masculino, tem repercussões para além das previstas. Deste modo, para além dum certo desconforto, sobretudo no início, provocado por um forte controlo social de que sou alvo nestes territórios, há até um acréscimo de receptividade, por vezes até demasiada, inscrevendo-se num quadro de jogo de sedução por parte dos meus interlocutores masculinos. Por ser mulher possivelmente não fui agredida numa dada situação e houve homens inquiridos que só responderam às minhas perguntas por essa razão, alguns deles afirmando isso mesmo.

Ainda derivado do facto de ser do sexo feminino e estar a contactar um território masculino adoptei a postura de pé para realizar as entrevistas, quer os meus inquiridos estivessem ao balcão, quer sentados, o que se tornou muito cansativo pois estava várias horas dessa forma, senão a maior parte dos dias de pesquisa de terreno. Esta estratégia de posicionamento no espaço permitiu-me medir a distância que me separava dos meus interlocutores, evitando contactos por vezes mais ousados e evitando a familiaridade. Aconteceu por vezes o contacto físico expresso na cotovelada no meu braço repetidas vezes na sequência da conversa mas que, no contexto situacional, assumia uma relação de camaradagem e uma manifestação de aceitação da minha presença.

Todas estas situações a par doutras informações e observações, são notas de campo substantivas que registei em cada ficha de trabalho que apliquei ao universo de 136 estabelecimentos, anotando outras no meu diário de campo. Constituindo parte integrante do percurso metodológico seguido inscrevem-se na conceptualização da apropriação que os agentes realizam nos diversos territórios taberna captada através da análise do seu uso nos espaços/tempos que os compõem.